



Edição diplomática e comentários paleográficos de manuscritos do final do século XIX, da cidade de Santa Maria¹

Diplomatic Edition and Paleographic Comments of Late Nineteenth-Century Manuscripts from the City of Santa Maria

Tatiana Keller

Universidade Federal de Santa Maria

Alcides Fernando Campos Gonçalves

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Neste trabalho, analisamos quatro manuscritos pertencentes ao Arquivo Histórico Municipal da cidade de Santa Maria (RS), os quais datam do final do século XIX. Através dessa análise, comparamos o sistema de escrita dos documentos e o atual, a fim de identificar modificações sofridas pela língua portuguesa em pouco mais de um século. Desse modo, foram utilizados fac-símiles e elaboradas edições diplomáticas, para, então, serem feitos comentários paleográficos acerca dos manuscritos. Em termos de referencial teórico, apresentamos um breve panorama sobre os campos da crítica textual e da paleografia, áreas do conhecimento imprescindíveis na realização deste tipo de pesquisa. Nos comentários paleográficos, foram observados aspectos relativos ao sistema vocálico e consonantal, à separação vocabular indevida, aos diacríticos e ao sistema de abreviaturas dos textos, a partir dos quais se pôde constatar que diversas propriedades da escrita sofreram modificações, sobretudo no que se refere ao emprego das consoantes.

Palavras-chave: crítica textual, manuscritos antigos, edição diplomática.

¹ Este artigo apresenta resultados obtidos no âmbito do projeto de pesquisa “Fenômenos Linguísticos em textos de português antigo do Rio Grande do Sul”, registrado sob o número 037050, no Gabinete de Projetos do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria.



Abstract

In this paper, we analyze four manuscripts belonging to the Municipal Historical Archive of the city of Santa Maria (RS), which were written at to the end of the 19th century. In this analysis, we compared the writing system of the documents and the current one, in order to identify modifications undergone by the Portuguese language for near a century. In this way, facsimiles and diplomatic editions were used, in order to make paleographic comments. In terms of theoretical references, we present a brief overview on the fields of textual criticism and paleography, essential areas of knowledge for this type of research. In the paleographic comments, aspects related to the vowel and consonantal system, to the vocabular segmentation, to the diacritics and to the system of abbreviations in the texts were observed, from which it was possible to verify that several properties of writing have undergone modifications, especially with regard to the use of consonants.

Keywords: textual criticism, manuscripts, diplomatic edition.

Resumen

En este trabajo, analizamos cuatro manuscritos pertenecientes al Archivo Histórico Municipal de la ciudad de Santa María (RS), los cuales datan de finales del siglo XIX. A través de este análisis, se comparó el sistema de escritura de los documentos y la corriente con el fin de identificar los cambios sufridos por el portugués en poco más de un siglo. De este modo, se utilizaron facsímiles y elaboradas ediciones diplomáticas, para entonces hacer comentarios paleográficos acerca de los manuscritos. En términos de referencial teórico, presentamos un breve panorama sobre los campos de la crítica textual y de la paleografía, áreas del conocimiento imprescindibles en la realización de este tipo de investigación. En los comentarios paleográficos, se observaron aspectos relativos al sistema vocálico y consonántico, a la separación vocabular indebida, a los diacríticos y al sistema de abreviaturas de los textos, a partir de los cuales se pudo constatar que diversas propiedades de la escritura sufrieron modificaciones, sobre todo en lo que se refiere al empleo de las consonantes.

Palabras-clave: crítica textual, manuscritos antiguos, edición diplomática.

1. Introdução

Com base em conceitos da *crítica textual* e da *paleografia*, este artigo apresenta a transcrição e o exame de quatro manuscritos pertencentes ao Arquivo Histórico Municipal da cidade de Santa Maria (RS). A partir de fac-símiles dos documentos, foram elaboradas edições diplomáticas, para, posteriormente, serem analisados aspectos paleográficos dos testemunhos. Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo comparar o sistema de escrita utilizado nos documentos, próprio do final do século XIX, e o empregado atualmente, bem como auxiliar na preservação desses testemunhos que compõem uma valiosa fonte de estudos do português antigo.

Introduzida a temática abordada, o trabalho organiza-se da seguinte maneira: primeiramente, é apresentada a fundamentação teórica, na qual é especificada o que é a crítica textual e a paleografia, do mesmo modo em que são enumerados os tipos de edição que podem ser desenvolvidos pelo crítico textual; em seguida, na metodologia,



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 01-170, jan.-abril.2018.

são expostos o *corpus* e as normas de transcrição utilizadas no desenvolvimento do trabalho; após, são exibidas as edições diplomáticas dos documentos e feitos comentários paleográficos; por fim, são indicadas as considerações finais.

2. Fundamentação teórica

2.1 A Crítica Textual

Desde o advento da escrita e do surgimento de manuscritos – em papiro, pergaminho e, mais tarde, em papel – a transmissão de textos tornou-se uma prática comum entre os homens. Muitos desses textos, de diferentes épocas, sobreviveram à ação do tempo e hoje constituem uma fonte inestimável para o estudo da língua. Segundo Telles (2005), a escrita é o “documento da língua”, é o objeto pelo qual se pode averiguar suas modificações ao longo dos séculos.

Nesse âmbito dos estudos linguísticos, destaca-se o trabalho realizado no campo da filologia. Para Vasconcellos e Santiago-Almeida (2012), essa área desenvolve-se em dois domínios principais: no primeiro, como a ciência responsável pelo estudo da língua e das propriedades a ela relacionadas, e no segundo, restrita à análise do texto escrito, a fim de conservá-lo e de resgatar a sua originalidade. É neste domínio, segundo os autores, que emerge a *crítica textual*, a qual tem como objetivos a preservação de textos escritos e a restituição de sua forma genuína.

Os documentos estão sujeitos a diferentes tipos de corrupções, desde as do próprio material, exposto às adversidades climáticas e à ação do tempo (as chamadas modificações *exógenas*), até aquelas oriundas do ato de reprodução do texto (as modificações *endógenas*). De acordo com Cambraia (2005), as modificações endógenas podem ser autorais ou não-autorais, isto é, realizadas pelo próprio autor ou não. Quando realizadas por terceiros, estas modificações podem ser classificadas, ainda, como voluntárias ou involuntárias.

As modificações voluntárias ocorrem, geralmente, quando um copista responsável pela transcrição de um texto diverge ideologicamente do seu autor, ou ainda, tenciona censurá-lo. Spina (1977) explica que, até meados do século XIX, a



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 01-170, jan.-abril.2018.

crítica textual possuía viés muito subjetivo, em que transcrições de manuscritos eram realizadas segundo o arbítrio pessoal do crítico, o qual, em posse de um texto consagrado, executava o cotejo a partir de um códice qualquer, sem rigor sistemático. Nesses casos, por exemplo, quando o crítico encontrava divergências entre manuscritos apógrafos², ele selecionava o que mais lhe aprazia. É só com os postulados desenvolvidos pelo filólogo e crítico alemão Karl Lachmann (1793-1851) que a crítica textual ganha base científica e disciplina metodológica. O método *lachmanniano*, segundo o qual a crítica do texto é dividida em duas partes, a *recensio* e a *emenda (emendatio)*³, é a base para as teorias utilizadas atualmente.

As modificações involuntárias, por sua vez, são aquelas oriundas de equívocos cometidos pelo copista, os quais Cambraia (2005) classifica como erros cometidos por adição, omissão, alteração da ordem e substituição. O autor observa que os tipos de erros estão intimamente ligados às etapas do processo de cópia de um texto – *leitura do modelo, retenção do texto, ditado interior e manejo da mão*⁴.

Vistos todos esses tipos de corrupções aos quais os documentos estão submetidos, entende-se a importância do trabalho do crítico textual, que além de recuperar, preservar e difundir o patrimônio escrito de uma dada cultura, ajuda, também, a identificar testemunhos apógrafos equivocados, em benefício de textos originais. Mas a crítica textual não atua sozinha, como veremos na seção seguinte.

2.2 A Paleografia

Como mencionado anteriormente, a atividade do crítico textual desenvolve-se em consonância com o trabalho realizado no campo da filologia. Nesse sentido, conforme explica Vasconcellos e Santiago-Almeida (2012), ela irá manter correspondência com outras disciplinas afins, como a paleografia. De acordo com Spina

² Segundo Cambraia (2005), testemunhos apógrafos são aqueles fixados sem a supervisão do autor do texto.

³ Conforme Spina (1977), a *recensio* consiste no levantamento de todos os dados relacionados ao texto a ser editado, incluindo a eliminação de cópias coincidentes, para que se chegasse a um texto arquetipo. Já a *emenda*, constitui-se na correção do arquetipo e na remontagem ao texto original.

⁴ A *leitura do modelo*, como o próprio nome indica, consiste na decifração do texto; já a *retenção do texto*, compreende a sua memorização; o *ditado interior* é um método no qual o copista dita para si, internamente, o texto, antes de escrevê-lo; por fim, o *manejo de mão* é propriamente a execução manual realizada, ou seja, a escrita (CAMBRAIA, 2005, p. 80).



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 01-170, jan.-abril.2018.

(1977), a paleografia é a ciência que estuda as escritas antigas e a evolução dos tipos caligráficos em documentos, ou seja, em matéria perecível, como o papiro, o pergaminho e o papel. Tais documentos podem ser manuscritos (registrados por instrumentos como a pena e o lápis), impressos, ou, mais recentemente, datiloscritos e digitoscritos (registrados por meio de máquina de escrever e de computador, respectivamente), e são diferenciados conforme a condição em que foram lavrados: quando exarados em caráter pessoal, denominam-se *documentos particulares*; quando exarados, oficialmente, por pessoa pública, denominam-se *documentos públicos*.

Para que o crítico textual reconstitua a forma genuína de um texto, é imprescindível que ele saiba decodificar a escrita em que os testemunhos foram redigidos; portanto, o conhecimento paleográfico constitui-se como uma ferramenta indispensável durante esse processo. Conforme Cambraia (2005), os aspectos paleográficos que devem ser levantados em um texto são: a classificação da escrita, sua localização e datação; a morfologia, o traçado, o ângulo, o módulo e o peso dos caracteres alfabéticos; o sistema de sinais abreviativos; as características dos elementos não-alfabéticos; e os pontos de dificuldades enfrentados durante a leitura, bem como as soluções adotadas.

2.3 A edição de textos

Realizada pelo crítico textual, a *edição* compreende todo processo de estabelecimento de um texto, desde a recensão até a sua apresentação. Segundo Telles (2005), uma vez que se iniciaram os estudos da linguagem, o texto escrito tornou-se objeto prioritário de análise e o seu estabelecimento, imprescindível para que a escrita se materialize como representação fidedigna da língua nela documentada. Em outras palavras, é o rigoroso processo de avaliação da escrita, inerente ao estabelecimento de um texto, que confere legitimidade à descrição de um fato referente à língua.

De acordo com Cambraia (2005), a edição de textos pode ser categorizada conforme: o material utilizado, em termos de dimensão e de qualidade do suporte; o sistema de registro, podendo a edição ser impressa ou digital; a publicação, como, por exemplo, uma edição limitada ou comemorativa; a permissão do autor; a integralidade



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 01-170, jan.-abril.2018.

do texto; o grau de renovação do texto, quando se trata de uma reelaboração; e a forma de estabelecimento do texto, classificação de maior relevância para o presente trabalho, a qual, por sua vez, subdivide-se em *tipos fundamentais* de edição.

Os *tipos fundamentais* de edição dizem respeito à forma em que será estabelecido o texto, podendo ser monotestemunhal, ou seja, a edição é baseada apenas em um testemunho de um texto, ou politestemunhal, em que a edição é baseada no cotejo de dois ou mais testemunhos de um mesmo texto. As edições realizadas a partir de um único testemunho diferenciam-se pelo grau de mediação que o crítico textual exerce na fixação do texto, quais sejam: *fac-similar*, *diplomática*, *paleográfica* e *interpretativa*. Neste trabalho, nos restringimos à apresentação dos dois primeiros tipos de edição.

A edição *fac-similar* é aquela em que a imagem de um testemunho é reproduzida através de meios mecânicos (fotografia, xerografia, etc.), apresentando, assim, grau zero de mediação. Como, neste tipo de edição, reproduz-se o texto de forma exata, o consulente tem plena autonomia na interpretação do testemunho. Em contrapartida, esta interpretação fica restrita apenas a especialistas, pois a leitura do texto é feita em sua forma original. Já na edição *diplomática*, verifica-se um grau baixo de mediação feita pelo crítico textual, que se limita a uma transcrição conservadora de todos os elementos presentes no modelo (sinais abreviativos e de pontuação, paragrafação, translineação, separação vocabular, etc.). Apesar de a consulta restringir-se, também, a especialistas, na edição diplomática, devido à preservação de características que exigem um conhecimento mais específico, ela isenta o leitor de decodificar as formas gráficas da escrita original do modelo, tarefa difícil, sobretudo, quando se trata de um testemunho manuscrito.

3. Metodologia

Os documentos examinados neste artigo foram redigidos na cidade de Santa Maria (RS) e pertencem ao seu Arquivo Histórico Municipal (AHMSM). São quatro manuscritos datados do final do século XIX, exarados por pessoa pública, os quais são



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 01-170, jan.-abril.2018.

conservados na caixa de número 1 do Fundo da Junta Intendencial. O Quadro 1 exibe o *corpus* utilizado:

Quadro 1 – *Corpus* utilizado na pesquisa (data, local e tipo de documento)

Manuscrito	Data	Local	Tipo de documento
M1	20 de abril de 1893	Santa Maria	Termo de compromisso
M2	24 de novembro de [†....] ⁵	Santa Maria	Memorial
M3	02 de junho de 1890	Santa Maria	Requerimento
M4	21 de julho de 1890	Santa Maria	Requerimento

Fonte: os autores.

O manuscrito 1 (M1) é um termo de compromisso prestado pelo cidadão Firmino Anastácio da Rocha para o cargo de Sub-intendente do 2º distrito de Santa Maria, assinado na Secretaria de Intendência da referida cidade. O manuscrito 2 (M2) consiste em um memorial no qual é solicitada a redução do valor de uma dívida pendente, relativa a trabalhos realizados na Rua do Comércio. Por sua vez, o manuscrito 3 (M3) é um requerimento, remetido da cidade de Silveira Martins (RS), em que são solicitados materiais para a aula da professora Camila Roncoroni. Por fim, o manuscrito 4 (M4) é um requerimento expedido pelo mesmo remetente do documento anterior, no qual, além de serem repassados mapas de aulas, são solicitados, novamente, os materiais necessários à aula da professora Roncoroni.

Utilizando, portanto, o aparato teórico da paleografia, verificou-se, através dos manuscritos, aspectos da escrita que apontam para diferenças linguísticas, quando confrontadas ao sistema de escrita atual. Mais precisamente, os aspectos paleográficos examinados foram: a morfologia, o traçado, o ângulo, o módulo e o peso dos caracteres alfabéticos; o sistema vocálico (substituições vocálicas); o sistema consonantal (encontros consonantais impróprios, consoantes geminadas, substituições consonantais); os diacríticos; os sinais abreviativos; e a separação vocabular.

3.1 Normas de transcrição

⁵ Apesar da impossibilidade de precisar a data do M2, existem, no AHMSM, outros documentos redigidos pelo mesmo escrevente que datam do final do século XIX. À vista disso, tal manuscrito foi considerado na análise como pertencente ao século XIX.



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 01-170, jan.-abril.2018.

Para as transcrições aqui realizadas, foram respeitados os princípios indicados por Cambraia (2005). Portanto, deve-se salientar que as normas adotadas adequam-se ao tipo de edição empregada, bem como à sua finalidade; apresentam coerência interna, ou seja, ocorrências de mesma natureza são tratadas com o mesmo critério; são explicitadas ao longo do trabalho; e foram aplicadas rigorosamente, isto é, em todas as situações nas quais eram necessárias.

No que tange especificamente à edição diplomática, Cambraia (2005) propõe as seguintes normas: os caracteres alfabéticos devem ser transcritos como caracteres romanos redondos, reproduzindo-se as diferenças de módulo e dos alógrafos contextuais como no modelo (quando houver mais de um tipo de caractere no modelo, deve-se diferenciá-los na transcrição); os diacríticos, os sinais abreviativos e de pontuação, a separação vocabular e a paragrafação têm de ser reproduzidos fielmente; os caracteres de leitura duvidosa devem ser transcritos entre parênteses redondos simples, e os de leitura impossível como pontos dentro de colchetes, precedidos de uma cruz [†]; os caracteres riscados devem ser transcritos com tachado; os caracteres apagados, modificados, nas entrelinhas ou nas margens, bem como as mudanças de tinta e de punho, ou quaisquer outras particularidades têm de ser informados em nota; a mudança de fôlio, face ou coluna deve ser informada na margem superior à direita, em itálico e entre colchetes simples; e, por fim, a numeração de linhas deve ser disposta na margem externa, contando de 5 em 5, de forma contínua e em todo o texto.

Fornecido o referencial teórico suficiente, apresentar-se-ão, na seção seguinte, as edições fac-similadas e diplomáticas dos manuscritos que compõem o *corpus* deste trabalho.

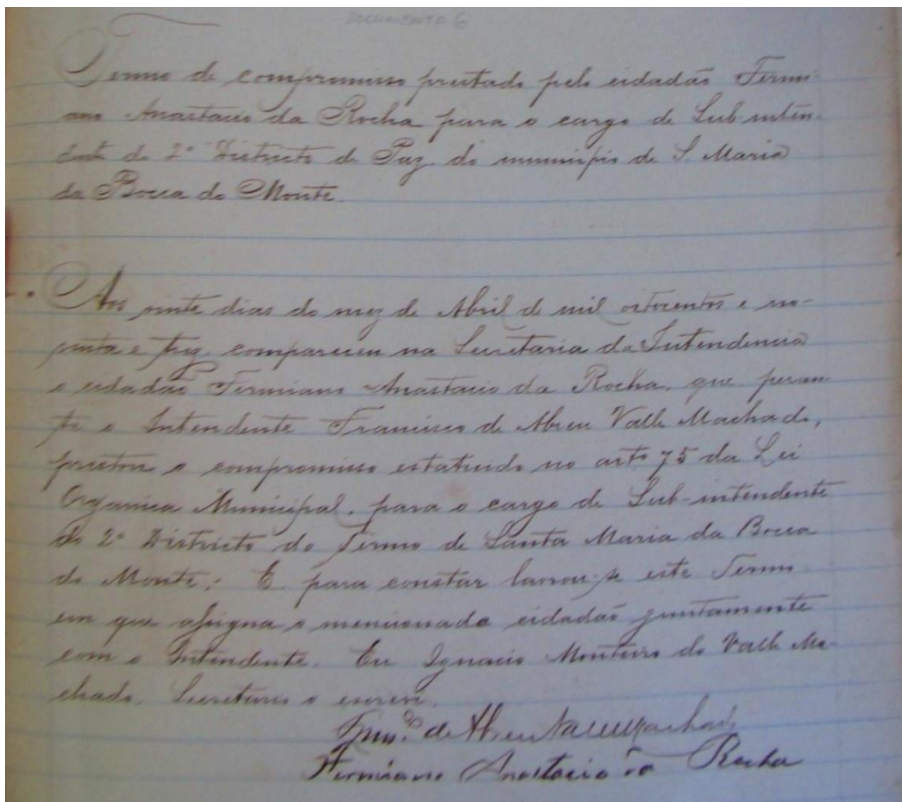
4. Apresentação das edições

Conforme disposto no Quadro 1, expõe-se, a seguir, as edições fac-similadas e diplomáticas dos manuscritos M1, M2, M3 e M4, respectivamente. As linhas estão numeradas de cinco em cinco, e cada texto é precedido por um cabeçalho com o local, a data, a cota e o tipo do documento. Os comentários paleográficos dos manuscritos constam na seção seguinte.



a. M1:

Local: Santa Maria
Data: 20 de abril de 1893
Cota: Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria
Tipo de documento: Termo de compromisso

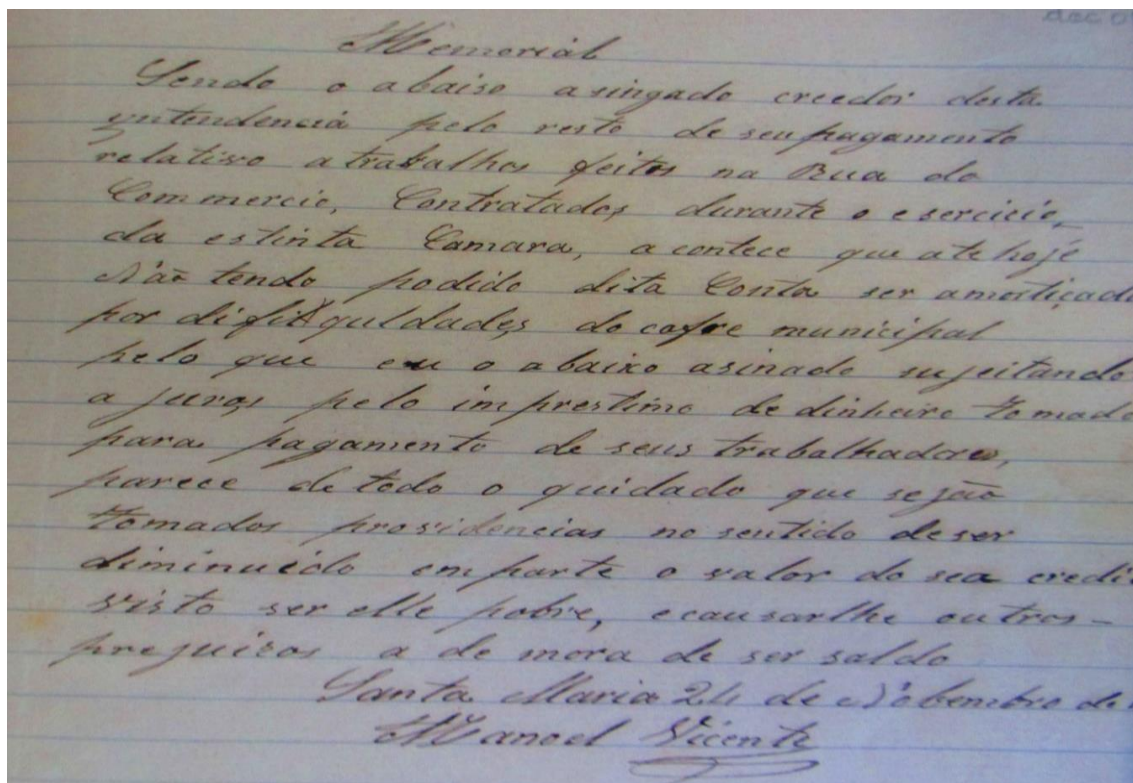


- 1 Termo de compromisso prestado pelo cidadão Fermiano Anastacio da Rocha para o cargo de Sub-intendente do 2º Districto de Paz do municipio de S. Maria da Bocca do Monte.
- 5 Aos vinte dias do mez de Abril de mil oitocentos e noventa e trez compareceu na Secretaria da Intendencia o cidadão Fermiano Anastacio da Rocha, que perante o Intendente Francisco de Abreu Valle Machado, prestou o compromisso estatuido no art. 75 da Lei
- 10 Organica Municipal para o cargo de Sub-intendente do 2º Districto do (termo) de Santa Maria da Bocca do Monte. E para constar lavrou-se este termo em que aSigna o mecionado cidadão juntamente com o Intendete. Eu Ignacio Monteiro do Valle Machado. Secretario o escrevi.
- 15 (Fran.^{so} do Valle Machado)
(Fermiano Anastacio da Rocha)



b. M2:

Local: Santa Maria
Data: 24 de novembro de [†....]
Cota: Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria
Tipo de documento: Memorial



- 1 Memorial
- 2 Sendo o abaiso assingado creador desta
- 3 intendencia pelo resto de seu pagamento
- 4 relativo a trabalhos feitos na Rua do
- 5 Commercio, contratados durante o exercicio
- 6 Da Estinta Camara, acontece que ate hoje
- 7 não tendo podido dita conta ser amortizada
- 8 por difiduldades do cofre municipal
- 9 pelo que eu o a baixo asinado sujeitando
- 10 a juros pelo imprestimo de dinheiro tomado
- 11 para pagamento de seus trabalhadores,
- 12 parece de todo o quidado que se são
- 13 tomadas providencias no sentido de ser
- 14 diminuido em parte o valor do se(o) credi⁶
- 15 visto ser elle pobre, e causarlhe outros
- prejuizos a de mora de se(r) saldo.
- Santa Maria 24 de (Novembro) de⁷

⁶ Embora esteja cortada no *fac-símile*, acredita-se que a palavra completa seja “credito”.

⁷ O ano do documento está cortado no *fac-símile*.

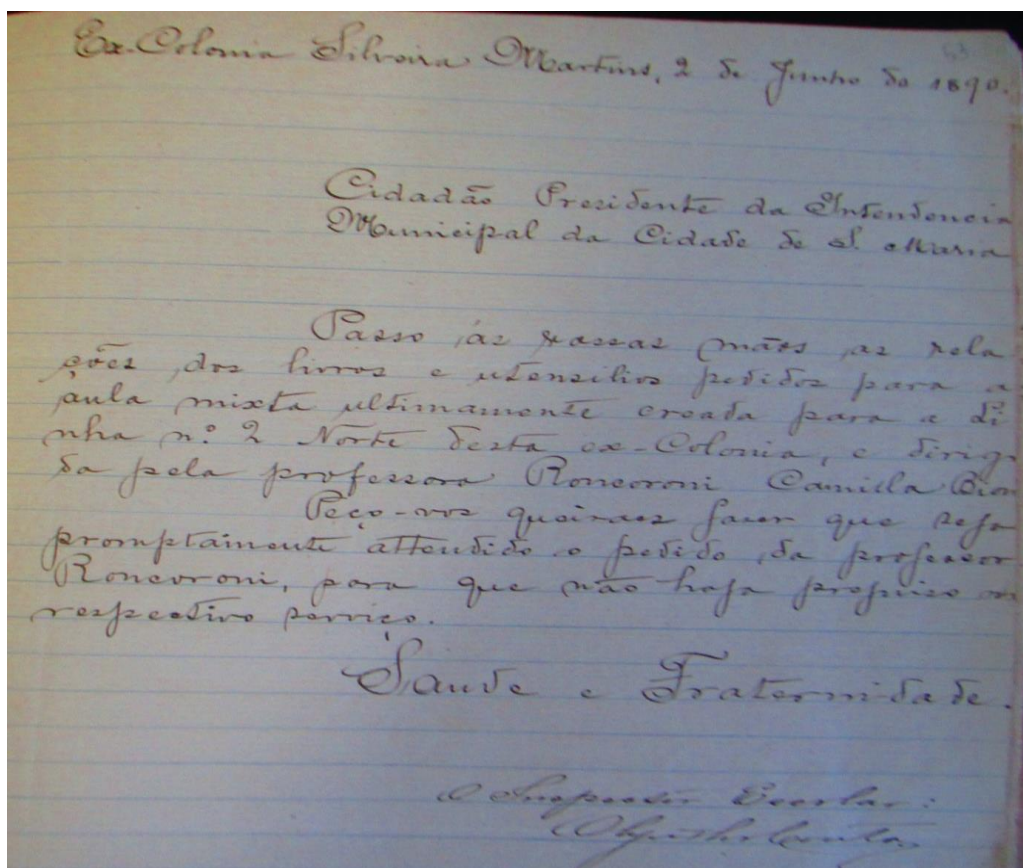


Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 01-170, jan.-abril.2018.

(Manoel Vicente)

c. M3:

Local: Silveira Martins ⁸
Data: 02 de junho de 1890
Cota: Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria
Tipo de documento: Requerimento



1 Ex-colônia Silveira Martins, 2 de Junho de 1890.

Cidadão Presidente da Intendencia
Municipal da Cidade de S. Maria

Passo ás vossas mãos as rela-

5 ções dos livros e utensilios pedidos para a
aula mixta ultimamente creada para a Li
nha n.º 2 Norte desta ex-Colônia, e dirig⁹
da pela professora Roncoroni Camila Bi(o)¹⁰

Peço-vos queiraes fazer que seja

10 promptamente attendido o pedido da professor¹¹

⁸ O atual município de Silveira Martins pertencia, até a segunda metade do século XX, à Santa Maria.

⁹ Acredita-se ter sido cortado no *fac-símile* a letra “i”, o que formaria, com a sílaba “da”, na linha seguinte, a palavra “dirigida”.

¹⁰ Embora esteja cortada no *fac-símile*, acredita-se que o sobrenome seja “Biondi”, pois consta, no M4, o nome da mesma professora.

¹¹ Claramente, trata-se da palavra “professora”, embora a última letra esteja cortada.



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 01-170, jan.-abril.2018.

Roncoroni, para que não haja prejuízo (n)¹²

respectivo serviço.

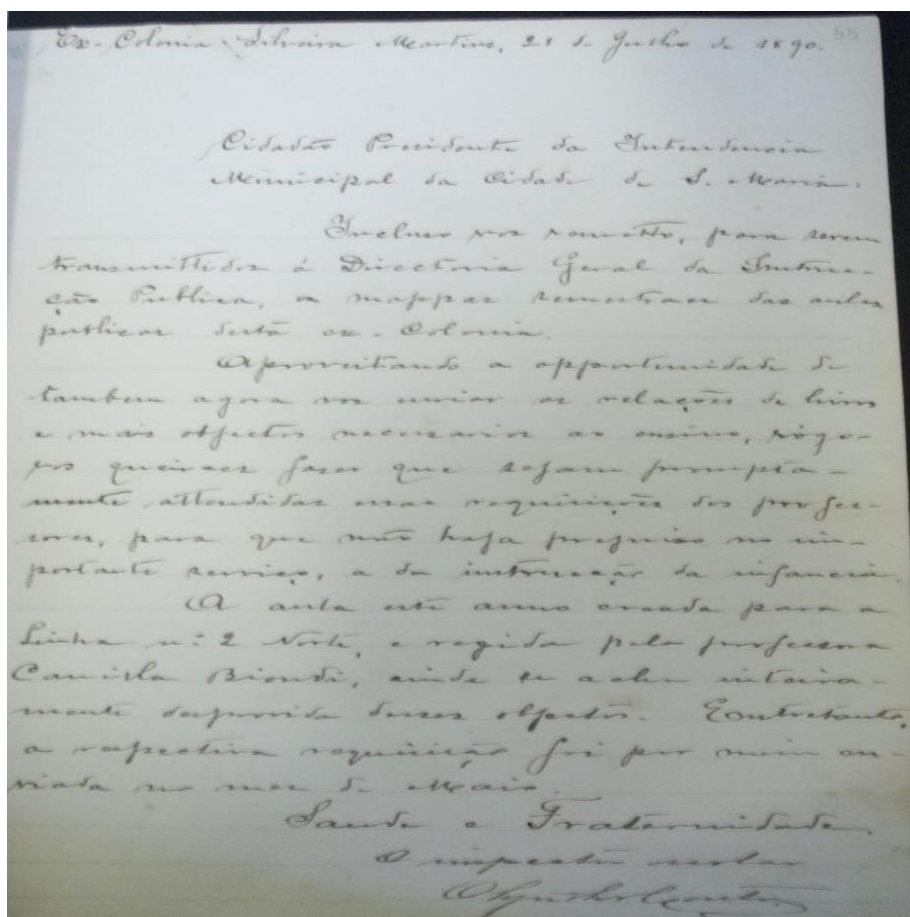
Saude e Fraternidade.

O (Inspector Escolar):

15 (Olyntho Costa).

d. M4:

Local: Silveira Martins
Data: 21 de julho de 1890
Cota: Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria
Tipo de documento: Requerimento



- 1 Ex-Colônia Silveira Martins, 21 de Julho de 1890
Cidadão Presidente da Intendencia
Municipal da cidade de S. Maria
(Incluso vos remettto) para serem

¹² Acredita-se que se trate, aqui, da preposição “no”, embora seja difícil a leitura.



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 01-170, jan.-abril.2018.

5 transmitidos á Directoria Geral da Instruc-
 ção Publica, os mappas (semestraes) das aulas
 publicas desta ex-Colonia.

Aproveitando a oportunidade de
 tambem agora vos enviar as relações de livros
 10 e mais objectos necessarios ao ensino, rógo-
 vos (queirae) fazer que sejam prompta-
 mente attendidas nas requisições dos profes-
 sores, para que não haja prejuí(s)o no im-
 portante serviço, o da (instrucção) da infancia.

15 A aula este anno creada para a
 Linha n.º 2 Norte, e regida pela professora
 Camila Bion(d)i, ainda se acha inteira-
 mente desprovida desses objectos. Entretanto,
 a respectiva requisição foi por mim en-

20 viada no mes de Maio.
 Saude e Fraternidade.
 O (inspector escolar)
 (Olyntho Costa).

5. Comentários paleográficos

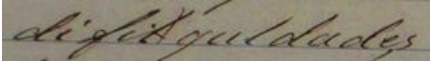
Os aspectos paleográficos analisados demonstram que diversas propriedades da escrita sofreram modificações do século XIX até os dias atuais. No entanto, eles apontam para uma considerável diferença, sobretudo, no que diz respeito ao sistema consonantal, com diversos grupos consonantais impróprios e consoantes geminadas que caíram em desuso.

5.1 Traçado das letras

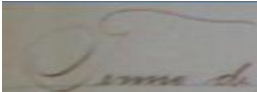
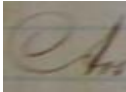
Os quatro documentos apresentam: escrita regular quanto ao traçado das letras, homogeneidade de tamanho, ausência de borrões, respeito à pauta e às linhas imaginárias, regularidade na inclinação da escrita, quase sempre à direita. Foi utilizada a escrita humanística ou italiana (SPINA, 1977, p. 35), com tipo de letras cursivas, caracterizadas por serem corridas.

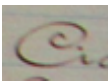
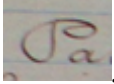


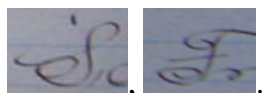
Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 01-170, jan.-abril.2018.

Com exceção do manuscrito 3, não há rasuras nos documentos. M3 apresenta rasura na grafia da palavra *dificuldades* , em que há vacilação por parte do escrevente quanto à forma correta dessa palavra: num primeiro momento, ele a registra como *difilquidades*¹³, depois a corrige riscando o *l*.

Destacamos também o uso de letras rebuscadas (com arabescos) nos manuscritos 1 e 3:

a) Grafemas *T* e *A* (maiúsculas, no documento 1): , ;

b) Grafemas *C*, *P*, *S* e *F* (maiúsculas, no documento 3): , ,



5.2 Sistema vocálico

No que diz respeito ao sistema vocálico, foram encontrados nos manuscritos alguns casos de substituição vocálica, como os que seguem:

a. Em *creada* (M3, l. 11), *queiraes* (M3, l. 14; M4, l. 15) e *semestraes* (M4, l. 10), temos a substituição de < i > por < e >. Tal fenômeno pode ser classificado como *abaixamento vocálico*, o qual consiste, segundo Keller e Costa (2014)¹⁴, na alteração do traço alto das vogais < i > e < u > para o médio-alto, ocasionando sua troca pelas vogais < e > e < o >;

b. Em *imprestimo* (M2, l. 10), temos a substituição de < e > por < i >. Conforme Keller e Costa (2014), tal substituição caracteriza um *alçamento* da vogal média < e >, em que o traço de altura da língua é modificado, motivando sua substituição pela vogal alta < i >;

¹³ Além da rasura, o autor também grafa a palavra com *q* ao invés de *c*.

¹⁴ Em Keller e Costa (2014), encontra-se um estudo mais detalhado acerca dos fenômenos que comprovam a instabilidade das vogais médias pretônicas, como a *harmonia vocálica*, o *alçamento sem motivação aparente* e o *abaixamento vocálico*.



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 01-170, jan.-abril.2018.

c. Em *seo* (M2, l. 14), há um caso de variação ortográfica, em que a vogal < u > é substituída por < o >.

Além das substituições vocálicas, outras divergências relacionadas ao sistema de escrita atual encontradas, no que diz respeito ao uso de vogais, foram:

a. O uso arcaico da palavra *creedor* (M2, l. 2). Said Ali (1971) explica que, na passagem do latim para o português, verificou-se a queda da consoante explosiva *d* em posição intervocálica, em inúmeros casos, como em *gradum* > grau, *crudele* > cruel, *videre* > *veêr* > ver e *credere* > *creêr* > crer. Possivelmente, *creedor* tenha derivado do verbo “creer” e continuado sua forma de escrita.

b. O uso do verbo *sejão* (M2, l. 12), empregado no Presente do Subjuntivo, caso em que o ditongo < ão > estaria substituindo < am >, e a nasalização estaria sendo representada pelo til (~). Como explicação para tal utilização do verbo *ser*, pode-se citar a regularização das formas latinas *-unt*, *-ant*, *-ont*, *-am*, dentre outras, para *-ão*, no português.

5.3 Sistema consonantal

Como mencionado acima, o sistema consonantal foi aquele que apresentou mais divergências com a escrita atual. Vejamos, pois, quais foram essas divergências.

5.3.1 Substituições Consonantais

As substituições consonantais encontradas nos manuscritos podem ser relacionadas com as diversas formas de realizar graficamente os fonemas /s/, /z/, /ʃ/ e /k/: foram identificadas substituições de < z > por < s >, de < x > por < s >, de < s > por < x >, de < ʃ > por < ss >¹⁵ e de < c > por < q >. O Quadro 2 apresenta todos os casos encontrados.

¹⁵ O grafema < ʃ > era utilizado para designar a ocorrência de dois esses. Tal prática, porém, caiu em desuso.



Quadro 2 – Ocorrências de substituição consonantal

Documento/linha	Ocorrência	Substituição	Forma de escrita atual
M1, l. 7	mez	< s > por < z >	mês
M1, l. 8	trez	< s > por < z >	três
M1, l. 15	a ^j igna	< ss > por < f >	assina
M2, l. 2	abaiso	< x > por < s >	abaixo
M2, l. 5	esercicio	< x > por < s >	exercício
M2, l. 6	estinta	< x > por < s >	extinta
M2, l. 8	difiquldades	< c > por < q >	dificuldades
M2, l. 12	quidado	< c > por < q >	cuidado
M3, l. 11	mixta	< s > por < x >	mista
M3, l. 16; M4, l. 17	prejuiso	< z > por < s >	prejuízo

5.3.2 Consoantes geminadas

Vocábulos com consoantes geminadas, isto é, com consoantes duplas, eram bastante comuns na escrita do português arcaico. Com as transformações a que este foi submetido ao longo dos anos, a geminação de consoantes foi tornando-se obsoleta, persistindo o seu uso, apenas, nos dígrafos *rr* e *ss*. Segundo Said Ali (1971), a permanência no uso do *r* e do *s* duplo ocorreu devido à necessidade de representar sons que, sem essa medida, se confundiriam com outros, como, por exemplo, nas palavras *carro* e *caro*. O autor destaca, ainda, que a geminação do *r* e do *s* realiza-se somente no interior de palavras e em posição intervocálica. Assim, casos como *ssegundo*, *conselho* e *rrico* também sofreram a perda da geminação da consoante.

No Quadro 3, podemos observar a ocorrência de geminação nas consoantes < c >, < l >, < m >, < n >, < p > e < t >.

Quadro 3 – Ocorrências de consoantes geminadas

Documento/linha	Ocorrência	Consoante dobrada	Forma de escrita atual
M1, l. 4 e l. 13	bocca	< c >	boca
M1, l. 10 e l. 16	valle	< l >	vale
M2, l. 15	elle	< l >	ele
M2, l. 5	commercio	< m >	comércio
M4, l. 19	anno	< n >	ano



M4, l. 10	mappas	< p >	mapas
M4, l. 12	oppor	< p >	opor
M3, l. 15	attendido	< t >	atendido
M4, l. 8	remetto	< t >	remeto
M4, l. 9	transmittidos	< t >	transmitidos
M4, l. 16	attendidas	< t >	atendidas

5.3.3 Grupos consonantais impróprios

Segundo Coutinho (1971), grupos consonantais próprios são aqueles formados por consoantes oclusivas (/p, b, t, d, k, g/) ou constrictivas fricativas (/f,v/) e consoantes líquidas (/l, r/). Os grupos consonantais que não respeitam a esta regra são, portanto, impróprios. Donadel (2007) explica que, na passagem do latim para o português, os grupos consonantais impróprios sofreram a perda da consoante obstruente, por meio de três diferentes fenômenos: vocalização (*directu* > *direito*), assimilação (*septe* > *sete*) e apagamento (*producto* > *produto*). Por volta do século XVI, porém, tais grupos passaram por um processo de reintegração ao léxico da nossa língua, devido à influência da escrita de base etimológica. Assim, até meados do século XX, presenciava-se uma grande variação na pronúncia das palavras com grupos consonantais impróprios, e, em consequência, a variação estendia-se para a escrita.

Nos manuscritos analisados, foram encontrados os grupos *ct*, *gn*, *pt* e *cç*, conforme ilustra o Quadro 4. Em todos os casos, comparando-se com a grafia atual, podemos observar o fenômeno de apagamento da consoante obstruente.

Quadro 4 – Grupos consonantais impróprios

Documento/linha	Ocorrência	Tipo de encontro	Forma de escrita atual
M4, l. 9 e l. 18	instrucção	< cç >	instrução
M1, l. 3 e l. 13	districto	< ct >	distrito
M3, l. 21; M4, l. 26	inspector	< ct >	inspetor
M4, l. 9	directoria	< ct >	diretoria
M4, l. 14 e l. 22	objectos	< ct >	objetos
M1, l. 15	ařigna	< gn >	assina
M3, l. 15; M4, l. 15	promptamente	< pt >	Prontamente

No M2, foram encontradas, ainda, duas variações do termo “assignado”, exemplo típico do encontro consonantal impróprio *gn*, a saber: *assingado* (l. 2) e



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 01-170, jan.-abril.2018.

asinado (l. 9). Tais variações, contudo, podem ser indícios de lapsos cometidos pelo escrevente, vista a divergência no emprego do termo em um mesmo manuscrito.

5.4 Diacríticos

Segundo Cambraia (2005), diacríticos são sinais acrescentados aos caracteres alfabéticos para lhes atribuírem algum valor específico. Atualmente, são classificados como diacríticos o til (~), o acento agudo (´), o acento grave (`), o acento circunflexo (^), a trema (¨) e a cedilha (,). Alguns desses sinais datam do período medieval, como a cedilha, o til e o acento agudo; outros começaram a ser constatados mais recentemente. Nos manuscritos aqui examinados, pôde-se averiguar o uso regular do til e da cedilha, o uso distinto acento agudo, e a ausência de uso do acento grave e do acento circunflexo.

5.4.1 O til e a cedilha

Como mencionado, o til e a cedilha são empregados, nos manuscritos, de forma equivalente à utilizada atualmente. Tal afirmação pode ser comprovada nas ocorrências *cidadão* (M1, l. 1; M1, l. 9; M1, l. 14; M3, l. 1; M4, l. 5), *mãos* (M3, l. 9), *serviço* (M3, l. 17; M4, l. 18), *relações* (M3, l. 10; M4, l. 13), entre outras.

5.4.2 Os acentos agudo, grave e circunflexo

Em estudo realizado sobre manuscritos setecentistas, Almeida (2003) observa que, à época daqueles documentos, marcar graficamente a tonicidade ou o timbre das vogais não era uma preocupação vigente, uma vez que os diacríticos utilizados assinalavam, sobretudo, a duração da pronúncia da vogal. Referindo-se a esse aspecto, Bacellar (1783, p. 36-37, apud ALMEIDA, 2003), já esclareceu que os acentos agudo, circunflexo e grave indicavam se a vogal era longuíssima, longa ou breve,



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 01-170, jan.-abril.2018.

respectivamente. Dessa forma, quando se queria demarcar uma vogal tônica, bem como evidenciar o seu timbre, a escolha de diacríticos ocorria de forma aleatória.

Nos quatro manuscritos analisados, verificou-se a aplicação do acento agudo em apenas três ocorrências: em *rógo-vos* (M4, l. 14), em *Ás* (M3, l. 9) e em *á* (M4, l. 9). Na primeira ocorrência, o acento agudo é empregado, muito provavelmente, a fim de determinar o timbre aberto da letra *o*. Procedimento que diverge do adotado atualmente, segundo a regra de acentuação das palavras paroxítonas. Nos casos de acentuação das palavras “*Ás*”, no M3, e “*á*”, no M4, tem-se a marcação da vogal longuíssima, ou seja, da ocorrência de crase da preposição *a* com a forma feminina do artigo (*a*). Nas palavras que, segundo a norma ortográfica vigente, deveriam levar o acento agudo, identifica-se a sua ausência, conforme ilustrado no Quadro 5.

Quadro 5 – A falta de uso do acento agudo, de acordo com a norma ortográfica vigente

Documento/linha	Ocorrência	Forma de escrita atual
M1, l. 3	município	município
M1, l. 11	estatuído	estatuído
M2, l. 5	commercio	comércio
M2, l. 5	esercicio	exercício
M2, l. 6	ate	até
M2, l. 10	imprestimo	empréstimo
M2, l. 16	prejuizos	prejuízos
M3, l. 10	utensilios	utensílios
M3, l. 16; M4, l. 17	prejuiso	prejuízo
M3, l. 19; M4, l. 25	saude	saúde
M4, l. 10	publica	pública
M4, l. 13	tambem	também
M4, l. 14	necessarios	necessários

Quanto aos acentos grave e circunflexo, não foram encontrados indícios de seu uso. Sob a perspectiva do atual padrão ortográfico, nos casos em que se deveria aplicar o acento grave, foi utilizado o agudo, como mencionado acima, e, nos casos em que utilizaríamos o acento circunflexo, não há a presença do diacrítico, conforme exibido no Quadro 6.



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 01-170, jan.-abril.2018.

Quadro 6 – A falta de uso do acento circunflexo, de acordo com a norma ortográfica vigente

Documento/linha	Ocorrência	Forma de escrita atual
M1, l. 7; M4, l. 24	Mez	Mês
M1, l. 8	Trez	três
M1, l. 8; M2, l. 3; M3, l. 5; M4, l. 5	Intendencia	Intendência
M1, l. 12	Organica	Orgânica
M2, l. 6	Camara	Câmara
M2, l. 13	providencias	providências
M3, l. 1 e l. 12; M4, l. 1 e l. 11	Ex-Colonia	Ex-Colônia
M4, l. 18	infancia	infância

5.5 Separação Vocabular Indevida

No que diz respeito à separação vocabular empregada nos manuscritos analisados, pôde-se constatar certa equivalência com a norma ortográfica atual. Observou-se apenas um caso de hipersegmentação, em *causarlhe* (M2, l. 15), e um caso de hipossegmentação, em *de mora* (M2, l. 16). Segundo Spina (1977), tais fenômenos consistem, respectivamente, na separação irregular de uma palavra que deveria ser redigida sem espaços, e na união, também irregular, de dois vocábulos distintos, durante a escrita. No entanto, como explica Cambraia (2005), em se tratando de manuscritos, é difícil determinar com precisão o que está junto e o que está separado, devido à considerável variação do espaço em branco entre as palavras. Portanto, pode-se contestar se os casos aqui assinalados são, de fato, exemplos de separação vocabular indevida.

Quanto ao emprego do hífen, tanto nas separações intralineaes quanto nas interlineares, as ocorrências identificadas apontam para uma equidade com o seu uso atual. O Quadro 7 apresenta tais ocorrências.

Quadro 7 – O uso do hífen

Documento/linha	Tipo de separação	Ocorrência
M1, l. 1-2	Interlinear	Firmi- no



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 01-170, jan.-abril.2018.

M1, l. 7-8	Interlinear	no- venta
M1, l. 9-10	Interlinear	peran- te
M1, l. 16-17	Interlinear	ma- chado
M3, l. 9-10	Interlinear	rela- ções
M3, l. 11-12	Interlinear	Li- nha
M4, l. 9-10	Interlinear	instruc- ção
M4, l. 15-16	Interlinear	prompta- mente
M4, l. 16-17	Interlinear	profes- sores
M4, l. 17-18	Interlinear	im- portante
M4, l. 21-22	Interlinear	inteira- mente
M4, l. 23-24	Interlinear	en- viada
M1, l. 2-3	Interlinear e Intralinear	Sub-inten- dente
M4, l. 14-15	Interlinear e Intralinear	rógo- vos
M1, l. 14	Intralinear	lavrou-se
M3, l. 1 e l. 12 M4, l. 1 e l. 11	Intralinear	Ex-colonia
M3, l. 14	Intralinear	Peço-vos

5.6 Sistema de abreviaturas

Segundo Spina (1977), as abreviaturas podem ser classificadas em: abreviaturas por siglas, por apócope, por síncope, por letras sobrepostas, por signos especiais de abreviação e por letras numerais. A abreviatura por sigla consiste na representação de uma palavra pela sua letra inicial; no caso da apócope, tem-se a supressão das letras finais da palavra; na síncope, por sua vez, a supressão ocorre com caracteres do meio do vocábulo; na abreviatura por letras sobrepostas, como o nome indica, sobrepõem-se as letras finais do vocábulo; a abreviatura por signos especiais é caracterizada por um sinal que indica quais as letras foram eliminadas; por fim, a abreviatura por letras numerais é aquela utilizada para se abreviar números. Nos manuscritos analisados, observaram-se as seguintes ocorrências: *S.* (M1, l. 3; M3, l. 6; M4, l. 6), abreviatura por sigla da palavra “Santa”; *Art.* (M1, l. 11), abreviatura por apócope da palavra “artigo”; e *Fran.^{co}* (M1, l. 18), abreviatura por síncope e por letras sobrepostas do nome “Francisco”.

Com as observações feitas sobre os tipos de abreviaturas utilizados nos manuscritos, encerram-se os aspectos paleográficos levantados durante a pesquisa. Na seção seguinte, portanto, são indicadas as considerações finais.

6. Considerações finais



Por intermédio de edições fac-símiles e diplomáticas de documentos redigidos no final do século XIX, e dos posteriores comentários paleográficos realizados sobre eles, buscou-se retratar, aqui, uma parcela das modificações que a língua portuguesa, em sua forma escrita, sofreu em um pouco mais de um século. Desse modo, pôde-se abranger, de forma breve, como se constitui os campos da crítica textual e da paleografia, disciplinas sem as quais seria impraticável o trabalho de reconstituição de textos antigos, bem como a sua transmissão para um novo público leitor, tenha ele um conhecimento científico sobre a área ou não.

Referências

ALMEIDA, M. M. S. Grafemas e diacríticos em manuscritos setecentistas. In: *VII Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. n. 10, 2003, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno10.html>>. Acesso em 27 ago. 2017.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

DONADEL, G. *Grupos consonantais impróprios: estudo diacrônico com base em gramáticas*. 2007. 145 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

KELLER, T.; COSTA, E. P. F. de S. A instabilidade das vogais médias pretônicas em cartas pessoais do Rio Grande do Sul do século XIX. In: *Web-Revista SOCIODIALETO*. Campo Grande, v. 4, n. 12, p. 61-72, 2014. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/17/31052014020949.pdf>>. Acesso em 27 ago. 2017.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

SPINA, S. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix, EDUSP, 1977.

TELLES, C. M. Grafia de textos e fonologia do português nos séculos XV e XVI. In: *Revista da ANPOLL*. Campinas, v. 1, n. 18, p. 43-58, 2005.

VASCONCELLOS, C. A.; SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Contribuição da Filologia e da Crítica Textual para o Estudo de Documentos Manuscritos de Paranaguá. In: *Signum: Estudos da Linguagem – Uel*. Londrina, v. 15, n. 1, p. 335-356, 2012.



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 01-170, jan.-abril.2018.

Disponível

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/11817/11218>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

em:

Acesso